

CULTURA: EDUCAÇÃO FÍSICA E FUTEBOL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT

JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

JOCIMAR DAOLIO

**CULTURA
EDUCAÇÃO FÍSICA E FUTEBOL**

4ª EDIÇÃO REVISTA

E D I T O R A U N I C A M P

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Daolio, Jocimar.
D238c *Cultura: educação física e futebol* / Jocimar Daolio. – 4ª ed. rev. –
Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

1. Educação física – Brasil. 2. Futebol – Brasil. 3. Antropologia social.
I. Título.

CDD 613.70981
796.330981
301.2

ISBN 978-85-268-0962-8

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação física – Brasil	613.70981
2. Futebol – Brasil	796.330981
3. Antropologia social	301.2

Copyright © by Jocimar Daolio
Copyright © 2006 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1997
2ª edição, 2003
3ª edição, 2006

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

*Ofereço este livro aos leitores, lembrando a frase
de Clifford Geertz — para mim, um alibi:
“A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o
que é pior, quanto mais profunda, menos completa”.*

*Dedico este livro a Carmen Cinira de Macedo,
que, de tão brilhante, virou estrela.
Dizem que já está ofuscando o sol!*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	
Wagner Wey Moreira	9
APRESENTAÇÃO	13
PARTE I — EDUCAÇÃO FÍSICA	
CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA AO ESTUDO DA APRENDIZAGEM MOTORA	19
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ABORDAGEM CULTURAL	27
A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: DO CORPO MATÉRIA-PRIMA AO CORPO CIDADÃO	35
OS SIGNIFICADOS DO CORPO NA CULTURA E AS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA	47
EDUCAÇÃO A PARTIR DO MOVIMENTO	55
A RUPTURA NATUREZA/CULTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA	63
A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO CORPO FEMININO, OU O RISCO DE TRANSFORMAR MENINAS EM “ANTAS”	73
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EM BUSCA DA PLURALIDADE	85
EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA	91
PARTE II — FUTEBOL	
O DRAMA DO FUTEBOL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SOCIOANTROPOLÓGICA	107

A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO	115
DE GALOS, HOMENS E... FUTEBOL	123
DENTE DE ALHO, GALHO DE ARRUDA... CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES NO FUTEBOL BRASILEIRO	131
AS CONTRADIÇÕES DO FUTEBOL BRASILEIRO	139

PREFÁCIO

Redigir um livro cujo conteúdo seja a reunião de textos escritos em um determinado período da história do autor (neste caso, 1989 a 1998) é sempre uma ousadia; por isso mesmo, também, um perigo. Ousadia porque é permitir que ele se revele aos olhos dos leitores um ser incompleto, em processo de mudanças, numa sociedade em que se exigem tradicionalmente do professor certezas, posições dogmáticas, afirmações coerentes ao longo do tempo e do espaço. Perigo, porque os mais afoitos, de julgamento precoce e que se habituam a todos rotular, poderão enquadrar esse escritor como inconsistente.

Jocimar, nesta obra, ousa se expor e vence o perigo, pois oferece mostras de um trilhar seguro, qualificando cada vez mais e melhor o olhar antropológico sobre os fenômenos educação física e futebol no Brasil. E qual a estratégia utilizada por ele? A escrita simples, com preocupação didática, mesmo porque o autor elegeu como objetivo maior alcançar, com seus textos, os alunos dos cursos de graduação em educação física.

Aí, outra conquista de Jocimar. Muitas das publicações didáticas que conheço são enfadonhas, repetitivas, de leitura quase mecânica, nas quais não encontro prazer. Jocimar, por sua vez, traz para o universo da educação física, seu alvo, autores como Marcel Mauss e Clifford Geertz (os principais, neste livro), de forma descomplicada, construindo uma ponte entre o pensamento desses autores e seu público-alvo. Em vários momentos, consegue até associar a rudeza ou a força histórica da educação física com uma certa leveza, mesmo que densa, desses antropólogos.

Aliás, esta constatação faz-me lembrar o prefácio de Rubem Alves em um dos livros de Nelson Carvalho Marcellino, quando escreve:

Poesia é coisa fraca. E o mundo em que vivemos exige que sejamos fortes. Que pode a poesia contra a dureza da pá e da esquadria, contra a força do cimento e do dinheiro? Não sabem eles que é da beleza da poesia que nascem os guerreiros. Lutam melhor aqueles em cujos corpos moram os sonhos. Para se lutar não basta ter corpo e saber competentes: é preciso ter alma.

Só um autor com sensibilidade poética pode associar força e leveza, pode “brincar com fogo sem se queimar”. Sensibilidade essa expressa, por exemplo, quando o autor traz para o Brasil, mais especificamente para o fenômeno futebol, o trabalho de Geertz em Bali, revelando a coincidência entre a briga de galos em Bali e o futebol no Brasil, salvaguardando que olhar para ambos requer a ótica de fenômenos sociais, em que se preservam dados da cultura balinesa para a interpretação das brigas de galo e dados da cultura brasileira para a interpretação do futebol.

Além da sensibilidade, interessante também é analisar a caminhada do autor nas duas partes de seu trabalho, o que revela seu crescimento enquanto homem/humano e pensador acadêmico. Na área da educação física, nota-se sua preocupação inicial (no capítulo “Contribuições da antropologia ao estudo da aprendizagem motora”): estudo da aprendizagem motora. A antropologia aparece aí como uma espécie de ferramenta para moldar a preocupação central que estava na aprendizagem motora. Já no capítulo mais recente (“Educação física escolar: em busca da pluralidade”), a preocupação desloca-se para a busca de uma visão plural em uma disciplina curricular denominada educação física escolar. Aí, constata-se que os pressupostos antropológicos já não são ferramentas nas mãos de um autor; eles são, agora, tatuagens impressas no corpo do autor.

O mesmo ocorre, de certa forma, quando acompanhamos os passos de Jocimar na trilha do futebol. A primeira questão nos exercícios do primeiro texto (“O drama do futebol brasileiro: uma análise socioantropológica”) tem como tema a identificação da abordagem utilizada no texto para a análise do futebol. Já a primeira questão nos exercícios do texto “Dente de alho, galho de arruda... Crenças e su-

perstições no futebol brasileiro” preocupa-se com a justificativa da existência de crenças e superstições no futebol. Conclui-se daí que a “ferramenta” foi incorporada pelo autor.

Por último, um pensamento instalou-se em meu ser: por que Jocimar optou por me escolher para prefaciar seu livro? Tentando, curiosamente, responder a isso, levantei algumas hipóteses: fui escolhido por partilhar de sua amizade nos últimos dez anos; ou a escolha deveu-se a trabalharmos juntos e, mesmo pensando diferentemente, batalharmos na mesma causa da educação física e do esporte; ou ainda, por eu ter sido, no momento presente, seu orientador no programa de doutorado da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas; ou poderia ser a soma desses e outros motivos.

No entanto, sem desprezar essas possibilidades, creio que prefacio este livro de Jocimar porque, como seres humanos e profissionais, temos um respeito acadêmico que é mútuo e, acima de tudo, somos portadores de uma sensibilidade que não se perde em nome da lógica da produção científica. Tanto Jocimar como eu preservamos o sensível e o inteligível encarnados em nossos corpos vivenciais. Daí meus agradecimentos pelo privilégio de prefaciar esta obra.

Wagner Wey Moreira

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea é composta por 14 artigos, sendo nove sobre educação física e cinco sobre futebol. Todos eles foram produzidos entre 1989 e 1998 e publicados em revistas especializadas ou em coletâneas. Alguns textos sofreram, nesta edição, alterações mínimas em relação à sua publicação original.

Embora tratando de dois grandes temas, educação física na primeira parte e futebol na segunda, o que permite estes trabalhos estarem reunidos num livro é o seu referencial teórico, centrado na antropologia social. Em todos eles, procurei trabalhar, implícita ou explicitamente, o conceito de cultura, vendo as manifestações humanas como expressões culturais, quer estejam elas no corpo, na prática docente em educação física, na superstição ou no futebol. Em outros termos, a cultura aparece “encarnada” — para utilizar um termo de Lévi-Strauss comentando a obra de Marcel Mauss — num homem supersticioso e fanático que torce por um time de futebol, num homem que possui determinadas concepções de corpo, num professor que ministra um certo tipo de aula a seus alunos e assim por diante.

Na verdade, o que tenho tentado fazer nesses últimos anos é utilizar o chamado “olhar antropológico” para ampliar nossa visão sobre certas manifestações próprias da educação física e do futebol. Para empregar uma metáfora, tenho utilizado óculos antropológicos para ver os mesmos fenômenos sob outros graus de aumento, sob outras perspectivas, buscando um novo foco. Fiz a mesma coisa nos meus livros *Da cultura do corpo* e *Educação física brasileira: autores e atores da*

década de 1980, ambos editados pela Papyrus. Os leitores é que poderão — e deverão — dizer se estou conseguindo enfocar ou desfocar.

Acredito que esta busca não é individual. A educação física e os esportes — e as ciências em geral — parecem caminhar rumo a um maior número de inter-relações com outras áreas do conhecimento. Dessa forma, a ênfase biológica que historicamente acompanhou a educação física passa a ser relativizada. Não se trata de negar a dimensão biológica que o homem possui, mas de poder enxergá-lo também sob outros ângulos. O corpo possui, evidentemente, músculos, ossos e articulações, mas esses elementos são utilizados e transformados segundo construções culturais específicas, que interferem no próprio conceito de corpo.

Parece haver atualmente, na educação física, mais autores interessados no processo de “desnaturalização” da área, vendo o aluno, seu corpo e suas capacidades motoras não como dados de natureza exclusivamente biológica, mas fazendo parte de uma história, de um processo social, de um contexto político, de uma dinâmica cultural. Sendo assim, o que era visto como aptidão ou inaptidão inatas, deve ser encarado como fruto de relações específicas, contextos determinados, processos de aprendizagem bem ou mal sucedidos, experiências felizes ou infelizes etc.

Em relação ao futebol, a tentativa é ampliar a ideia de um esporte dotado de um conjunto de regras, técnicas e táticas, passando a ser visto como manifestação da sociedade brasileira. Roberto DaMatta afirma que cada sociedade possui o futebol que merece, já que este expressa características e anseios daquela. Espero que estes textos possam contribuir para uma visão menos técnica e mais social não só do futebol, mas também dos outros esportes.

Os textos aqui reunidos, por refletirem meu trajeto e minha própria inserção na antropologia social, apresentam profundidade crescente. Os textos mais antigos são, obviamente, mais superficiais, já que os conceitos antropológicos por mim utilizados na época eram transpostos rigidamente para a educação física ou para o futebol. O resultado acabava sendo a utilização quase funcional da antropologia para as finalidades a que eu me propunha na época. Quero crer que os textos mais recentes apresentam um mergulho mais conseqüente pela antropologia, e o resultado seja fruto não mais da

utilização de uma área por e para outra, mas da própria interface entre elas.

De qualquer forma, todos os textos aqui reunidos possuem caráter didático, na medida em que apresentam a preocupação em estabelecer contornos nítidos do referencial de análise utilizado, para, em seguida, discutir os temas específicos. Nesse sentido, este livro, além de contemplar os objetivos e expectativas de um livro-texto, pode mostrar-se útil ao apresentar uma nova forma de análise da educação física e do futebol.

Por se tratar de um livro-texto, cujo uso principal ocorrerá em aulas de graduação, ao final de cada capítulo são propostos alguns exercícios. O objetivo é destacar algumas questões-chave, para que o aluno, após a primeira leitura, retorne ao texto a fim de aprofundar sua reflexão e fixar os conceitos e ideias principais.

Finalizando, não posso deixar de agradecer ao companheiro Cláudio César Zoppi, que divide comigo a autoria do texto “Dente de alho, galho de arruda... Crenças e superstições no futebol brasileiro”. Sinto-me honrado com sua coautoria.

Jocimar Daolio

PARTE I

EDUCAÇÃO FÍSICA

CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA AO ESTUDO DA APRENDIZAGEM MOTORA*

APRENDIZAGEM MOTORA

A aprendizagem motora é uma área de estudos que tem se desenvolvido intensamente nas últimas décadas. Em síntese, ela procura explicar o processo interno de um indivíduo quando este passa de um estado em que não sabia executar determinada tarefa motora para outro em que a realiza com facilidade. Preocupa-se, portanto, com os mecanismos e processos responsáveis por esta mudança no comportamento motor do indivíduo (Tani et al., 1988).

Segundo Magill (1984), aprendizagem é uma mudança interna no indivíduo, deduzida de uma melhoria relativamente permanente em seu desempenho, como resultado da prática. É possível depreender desta definição que a aprendizagem é um processo inferido a partir da mudança na execução de uma tarefa motora. Em outras palavras, o que se estuda em aprendizagem motora são os passos ou estágios que ocorrem quando o indivíduo aprende. Marteniuk (1975), por exemplo, elaborou um modelo de *performance* humana que tenta explicar os passos necessários para o indivíduo adquirir determi-

* Este artigo foi publicado em 1989, na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, nº 2, vol. 10, editada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Trata-se de um primeiro esforço no sentido de utilizar alguns conceitos da antropologia social para o estudo da aprendizagem motora e sua aplicação na educação física. Por se tratar do primeiro esforço nesse sentido, compreende-se o caráter superficial do texto. Entretanto, sua repercussão foi grande, tendo sido citado em bibliografias para vários concursos na área.

nada habilidade motora. Segundo ele, os elementos desse processo seriam: órgãos dos sentidos, mecanismo perceptivo, mecanismo de decisão, mecanismo efetor, sistema muscular e mecanismo de *feedback*. A função do professor de educação física seria interferir adequadamente nos vários estágios deste processo, facilitando a aprendizagem motora do aluno.

Tentando explicar o processo de aprendizagem motora, vários autores identificaram fases deste processo. Fitts (1965) propôs três fases: cognitiva ou inicial, em que o iniciante tenta entender a tarefa e o que ela requer; fase associativa ou intermediária, em que ocorre maior organização e padronização dos movimentos já aprendidos; e fase autônoma ou final, na qual as habilidades requerem menos processamentos e o indivíduo pode ocupar-se com outros aspectos da *performance* ou mesmo realizar outras habilidades simultaneamente. Com o mesmo conteúdo das fases de Fitts, Adams (1971) e Gentile (1972) propuseram também fases da aprendizagem motora. O primeiro propôs duas fases: verbal-motora e motora; o segundo, também duas fases: obtenção da ideia do movimento e fase de fixação–diversificação.

Ainda na tentativa de esclarecer como uma habilidade motora é aprendida (obtenção da ideia do movimento), Gentile (1972) apresentou um modelo. Segundo ela, o aprendiz deve perceber o que é para ser aprendido, possuindo assim um objetivo; identificar no ambiente os estímulos que serão relevantes para a execução; formular um plano motor; executar uma resposta; avaliar os resultados; revisar o plano motor para emitir uma outra resposta e, assim, entrar novamente no circuito até passar para a fase seguinte, de fixação–diversificação da tarefa motora.

Pease (1977), comentando o modelo acima, afirma que induzir o aluno ao desejo de aprender é o aspecto mais importante do ensino da educação física. Se o aprendiz não tiver um desejo real de aprender, a aprendizagem não ocorrerá, apesar de todo esforço do professor. Ainda segundo Pease (1977), antes da aprendizagem da habilidade propriamente dita, o aluno deve primeiro aprender como aprender.

Em síntese, o esforço dos estudiosos da aprendizagem motora concentra-se no processo ensino–aprendizagem, tentando entender cada vez mais profundamente como o aluno aprende uma habilidade mo-